

O negativo identitário na trilogia de Jesus, de J. M. Coetzee

Marco Antonio Rocha¹

Em seus romances mais recentes, *A infância de Jesus*, de 2013, *A vida escolar de Jesus*, de 2016, e *A morte de Jesus*, de 2019, J. M. Coetzee cria uma narrativa a partir da negação: os personagens desse universo chegam de navio a um novo lugar, geralmente referido como “a nova vida”, sem lembranças de como eram suas vidas antes daquele momento; não lembram sequer seus nomes, suas idades, de onde vieram, tampouco a língua que falavam antes de sua chegada. Nesse novo lugar, entretanto, há uma sociedade organizada e parecida com as sociedades ocidentais contemporâneas, embora de forma muito genérica: os adultos trabalham e as crianças vão para a escola. Como chegam em condições similares a de imigrantes em um novo país, os personagens recebem uma moradia do governo e começam a trabalhar. E ainda que esse lugar não guarde nenhuma relação com países hispano falantes, lá fala-se espanhol.

Em 2018, logo após lançar seu livro de contos *Moral tales* antes por uma editora argentina e em língua espanhola que no restante do mundo, portanto *Siete cuentos morales*, Coetzee concedeu uma série de entrevistas a Soledad Costantini, fundadora da editora em que o livro foi publicado, El hilo de Ariadna, com sede tanto na Argentina quanto na Espanha, em que explica o seu posicionamento a partir de um breve resumo de sua própria biografia contada em terceira pessoa. Segundo ele, após receber notoriedade mundial² e ser publicado por editoras em Nova Iorque e Londres, com o tempo acabou perdendo interesse em como seus livros eram recebidos no Norte e passou a se agradar mais com a maneira como eram recebidos no Sul, principalmente em espanhol na América Latina e em inglês na Austrália. De acordo com suas palavras: “não é mais claro para ele por que seus livros deveriam ser lançados primeiro em inglês e então mais tarde em outras línguas [*it is no longer clear to him why his books should come out first in English and then later in other languages*].” (COETZEE, 2018).

Nessa mesma entrevista, Coetzee afirma não se ver localizado em nenhuma língua nem em nenhum país em particular, por isso se declara um “autor internacional” — não no sentido de ser estrangeiro aos Estados Unidos e à Inglaterra, como o Norte global geralmente

¹ Doutorando em Letras na Universidade Federal do Paraná (UFPR).

² Coetzee recebeu o prêmio Nobel de Literatura em 2003. Nascido na África do Sul em 1940, John Maxwell sempre foi um grande ativista contra o *apartheid* e vários de seus romances lançados enquanto residia na África do Sul (seu primeiro romance *Dusklands* é publicado em 1974, e *Disgrace*, último desse período e considerado uma de suas melhores obras, é publicado em 1999) refletem sobre o problema. Em 2002, Coetzee se muda para a Austrália e começa a escrever uma ficção mais voltada para a metalinguagem, utilizando como personagens principais escritores. Essas obras são compostas por *Elizabeth Costello* (2003), *Slow Man* (2005), ambas em que a ficcionista Elizabeth Costello aparece, e *Diary of a Bad Year* (2007), onde acompanhamos a narrativa do señor C. ao mesmo tempo que acompanhamos os ensaios que ele escreve.

categoriza esses autores, mas no sentido de que sua obra está presente em muitos lugares pelo mundo. No artigo “An ‘international author, but in a different sense’: J.M. Coetzee and ‘Literatures of the South’” Meg Samuelson (2021) afirma que Coetzee está com frequência entre os escritores vivos mais lidos e estudados no mundo atualmente.

Dessa maneira, é possível aproximar a postura que o autor vem tendo com a publicação de sua obra com o universo ficcional que construiu na trilogia de Jesus. Jérôme Meizoz (2009), a partir dos pressupostos de Dominique Maingueneau sobre *ethos* e discurso literário e de Pierre Bourdieu sobre o campo literário, pensa as atividades discursivas dos escritores a partir de suas posturas autorais, as quais ele define como “a apresentação de si de um escritor, tanto em sua gestão do discurso quanto em suas condutas literárias públicas [*la présentation de soi d’un écrivain, tant dans sa gestion du discours que dans ses conduites littéraires publiques*].” (MEIZOZ, 2009, s. p.) Com isso, ele implica que uma pessoa só existe como escritor dentro da cena de enunciação³ da literatura por meio de sua postura, “historicamente construída e referenciada no conjunto de posições do campo literário [*historiquement construite et référée à l’ensemble des positions du champ littéraire*].” (*ibidem*) Portanto, a postura autoral é construída no conjunto de elementos interiores e exteriores ao texto, desde o escritor e dos mediadores (jornalistas, críticos, biógrafos etc.) até o público.

Essa aproximação se dá quando Coetzee, ao reivindicar um lugar nenhum, ou ao menos nenhuma vinculação com qualquer lugar, parece inoperar uma comunidade tanto na vida real quanto na ficção. No prefácio da edição brasileira do livro *A comunidade inoperada* de Jean-Luc Nancy, Marcia Sá Cavalcante Schuback explica resumidamente o que o filósofo irá desenvolver nas páginas seguintes:

“[...] Atentar para a experiência de que somos em comum e não de que somos a identificação com um *algo*, com uma figura e uma imagem que devemos ter em comum, é atentar para o ser-em-comum como o estar acontecendo, como o sendo, sem imagem, sem forma ou figura, ritmo e batimento de relações. Em questão está, portanto, uma comunidade sem figura e sem obra, uma comunidade entregue ao seu estar acontecendo, uma *comunidade inoperada*.” (SCHUBACK, 2016, p. 20).

Em *A infância de Jesus*, acompanhamos a chegada à nova vida de Simón, um homem de meia idade, e David, um menino de cinco anos. A narrativa inicia com os dois aportando na cidade à procura de um lugar para ficar, mas logo descobrimos que eles não têm nenhuma

³ Maingueneau (2008) propõe que toda enunciação está inscrita em uma cena, ou seja, as configurações que permitem e propiciam cada discurso de ser produzido (um enunciador e um co-enunciador, um lugar etc.). Para ele, a cena de enunciação é integrada por três outras cenas, as quais ele chama de “cena englobante”, que corresponde ao tipo de discurso (literário, religioso, filosófico, político etc.), “cena genérica”, correspondente a um gênero discursivo (editorial, sermão, panfleto, notícia etc.), e “cenografia”, que é a maneira como o discurso é produzido, o tom que ele assume.

relação um com o outro e que se conheceram na embarcação. Simón conta várias vezes ao longo do romance que viu o menino desacompanhado e decidiu ajudá-lo a encontrar a sua mãe, empreitada que dura boa parte do primeiro volume da trilogia.

Já de início, vemos a dificuldade com a língua espanhola que o personagem enfrenta, uma vez que ele não a falava antes de chegar ali, assim como a maneira com que sua identidade é construída pelo que ele não é:

“Pode falar comigo”, diz o homem. “Mas o senhor não está um pouco velho para *estibador*?”

Estibador? Ele deve parecer desnortado porque o homem (é o capataz?) faz a mímica de jogar um saco nas costas e se curvar sob o peso.

“Ah, *estibador*!”, ele exclama. “Desculpe, não sou muito bom com o espanhol. Não, não estou velho, não.”

É verdade o que acabou de se ouvir dizendo? Não está velho demais para trabalho pesado? Ele não se sente velho, assim como não se sente moço. Não se sente de nenhuma idade específica. Ele se sente sem idade, se isso é possível. (COETZEE, 2013, p. 19)

Além de não ter uma idade, Simón também conta que esse nome lhe foi dado quando chegou, não tendo lembrança de seu nome anterior. A condição de não ter uma vinculação com um passado, uma memória do que era a vida antes de chegar àquele lugar é comum a todas as pessoas que vivem ali. Mesmo que elas não tenham nenhum vínculo anterior, Simón está empenhado em encontrar a mãe de David, até que recebe o seguinte conselho de outra personagem: “‘Vou ajudar’, diz Ana, ‘mas não do jeito que está pedindo. As pessoas aqui tiraram da cabeça ligações antigas. O senhor deveria fazer a mesma coisa: abandonar antigas relações, não procurar por elas.’” (COETZEE, 2013, p. 28)

Simón, entretanto, tem dificuldade em aceitar que nesse novo lugar haverá novas relações. Ele acredita que David tem uma mãe verdadeira a quem reconhecerá quando a encontrar, assim como não aceita qualquer vinculação familiar com o menino. Quando David escuta a palavra “*padriño*”, ele pergunta a Simón o que significa e se é isso que Simón é dele, mas o homem nega.

“[...] Não pode escolher um padrinho para você mesmo, do mesmo jeito que não pode escolher seu pai. Não tem uma palavra certa para o que eu sou para você, assim como não tem uma palavra certa para o que você é para mim. Mas se você quiser, pode me chamar de Tio. Quando perguntarem: *Quem ele é para você?*, você pode responder: *Ele é meu tio e gosta de mim*. E eu vou dizer: *Ele é o meu menino*.” (COETZEE, 2013, p. 41-42)

Embora não aceite nenhuma vinculação parental com David — nem pai, nem avô, nem ao menos padrasto (em inglês, todas essas palavras têm a mesma raiz: *father*, *grandfather* e *godfather*), Simón assume que eles têm uma relação porque se “gostam”. Esse é o primeiro

indício da relação que terão ao longo dos três romances, de muito amor e afeto, apesar de alguns conflitos. Por outro lado, mesmo que a relação deles ao longo dos dois primeiros volumes fique sempre suspensa entre serem e não serem pai e filho, no início do último livro da trilogia, *A morte de Jesus*, Simón assume de vez a alcunha de pai quando perguntado, mais uma vez sobre sua relação com David: “Ele é um pai? Será que vale a pena tentar explicar exatamente o que ele é? ‘Aquele ali é o meu filho’, ele diz. ‘David. O menino alto de cabelo escuro.’” (COETZEE, 2023, p. 8) Nesse sentido, essa vinculação que se estabelece pelo afeto ressoa a ideia de inoperância estabelecida por Nancy.

Segundo o filósofo, a comunidade se distingue da sociedade no sentido que esta é “uma simples associação e repartição de forças e necessidades”, ou seja, uma organização que está acima das pessoas e as organiza de acordo com as normas sociais, políticas, econômicas, institucionais etc. A comunidade, por outro lado,

[...] não se constitui somente de uma distribuição justa de tarefas e bens, nem de um equilíbrio feliz de forças e autoridades, mas antes de tudo da partilha e da difusão ou da impregnação de uma identidade numa pluralidade onde cada membro, desse modo, se identifica tão somente pela mediação suplementar de sua identificação com o corpo vivo da comunidade. [...] (NANCY, 2016, p. 37)

Dessa maneira, Simón e David formam uma pequena comunidade (inoperada) pois seus vínculos não são institucionais, o que os une é o momento da vida que partilham e na tarefa que têm em comum: a busca de uma mãe para o garoto.

Mais adiante, os personagens encontram Inés que, apesar de não ser a mãe verdadeira de David, assume a responsabilidade do título e fica com o garoto. Simón resigna-se da situação e nota-se que seu discurso ainda está muito preso a uma ideia de instituição familiar tradicional quando ele responde a uma colega de trabalho porque deixou David morando apenas com Inés: “É uma lei da natureza, então. Laços de sangue. Um filho pertence à mãe. Principalmente uma criança pequena. Comparada a isso, a minha reivindicação é muito abstrata, muito artificial.” (COETZEE, 2013, p. 107) Todavia, esse colega, Álvaro, que já está na cidade há algum tempo, corrobora o discurso por uma comunidade inoperada quando o responde: “Você ama ele. Ele ama você. Não tem nada de artificial nisso. A lei é que é artificial. Ele devia estar com você. Precisa é de você.” (*idem*).

Sobre o amor, Nancy afirma que ele expõe a comunidade no seu limite extremo: “[...] O amor não *realiza* a comunidade [...]. O amor, ao contrário, é ele mesmo quase concebido a partir do modelo político-subjetivo da comunhão em um, expõe a inoperância e, portanto, a não-realização incessante da comunidade.” (NANCY, 2016, p. 72) Se os personagens têm um

vínculo de amor, eles têm um vínculo maior que qualquer lei social; eles não precisam realizar uma obra (social) para serem uma comunidade entre eles.

Eventualmente, Inés decide se mudar para a casa de Simón e os três passam a morar juntos, inclusive com o seu cachorro, Bolívar. Contudo, a relação familiar que se estabelece, mesmo que muito afetuosa, gera conflitos entre a criança e os adultos, como qualquer relação familiar geraria. Nesses momentos, porém, David faz questão de lembrar que Simón e Inés não são seus pais: “Não! Eu não tenho mãe e não tenho pai. Só sou.” (COETZEE, 2013, p. 202). A postura de David, nesses momentos, reflete de forma inequívoca a postura do próprio autor, quando nega qualquer vinculação com uma língua ou uma nação. Na mesma entrevista já citada, Coetzee (2018) afirma se ver como “um escritor que não está inserido em nenhuma língua ou em nenhum país em particular [*a writer who is not located in any particular language or any particular country*].” Nesse sentido, ele também não tem filiação, ele apenas é.

No segundo livro, *A vida escolar de Jesus*, acompanhamos a família se mudando de cidade pois tiveram problemas com a anterior, uma vez que David não conseguia se adequar às regras da escola regular. Já no início, David escuta a palavra *huérfano* e, assim como perguntou a Simón o que significava *padriño*, acompanhamos um diálogo entre os dois em que Simón lhe explica:

“Um *huérfano* é uma criança cujos pais morreram e que ficou sozinha no mundo. Ou às vezes a mãe não tem dinheiro para comprar comida e dá o filho para outras pessoas cuidarem. Menino ou menina. São esses os jeitos de ficar *huérfano*. Você não é *huérfano*. Você tem Inés. Tem a mim.” (COETZEE, 2018, p. 22)

David prontamente o responde: “Mas você e Inés não são meus pais de verdade, então eu sou *huérfano*.” (*idem*), reafirmando seu discurso de que ele é só no mundo, um ser singular. Essa discussão se estenderá ao longo de toda narrativa, inclusive do terceiro livro, sempre com David repetindo que Simón e Inés não são seus pais. Talvez a postura mal compreendida de David seja de afirmar a sua singularidade no mundo e que, embora goste de Simón e Inés, ele é um ser único com vontades e desejos — dois valores geralmente subtraídos das crianças.

Nancy (2016) defende que a comunidade não gera comunhão no sentido de que seus sujeitos participantes não se tornam um organismo único sob um mesmo adjetivo, como uma nacionalidade ou uma filiação. Ela é composta de seres singulares que estão em relação uns com os outros e se constituem naquilo que partilham.

[...] esses seres singulares são eles mesmos constituídos pela partilha, eles se distribuem e se põem, ou mesmo se *espaçam* pela partilha que os fazem *outros*: outros, um para o outro, e outros, infinitamente outros, para o Sujeito de sua fusão, que se desgasta na partilha, no êxtase da partilha: “comunicando” para não “comungar”. Esses “lugares da comunicação” não são mais lugares de fusão, mesmo que se *passse* de um a outro; eles são definidos e expostos pelo seu deslocamento. Assim, a comunicação da partilha seria esse deslocamento ele mesmo. (NANCY, 2016, p. 55-56)

Dessa maneira, é possível ler a desvinculação de David com uma filiação parental como a necessidade de se afirmar um ser único, embora ele reconheça um valor importante na sua relação com Simón e Inés. No último livro, *A morte de Jesus*, David contrai uma doença desconhecida pelos médicos e fica internado por muito tempo, até que vem a falecer. Enquanto estava de cama, contudo, tem uma conversa com Simón em que revela seu apreço por eles, mesmo que não os reconheça como pais.

“A Inés quer ser boa para mim, quer ser minha mãe, mas ela não pode, pode?”, pergunta o menino.
“Claro que ela pode. Ela tem uma dedicação por você que só uma mãe teria.”
“Eu gosto dela, mesmo ela não podendo ser minha mãe. Gosto de você também, Simón. Gosto dos dois.”
“Que bom. Inés e eu amamos você e vamos sempre cuidar de você.” (COETZEE, 2023, p. 81)

Esse anseio de David de se tornar independente, de não ter nenhuma filiação, ser um *huérfano*, assemelha-se muito com a atitude que Coetzee tem ao decidir se desvincular do hemisfério Norte e se vincular às epistemologias do hemisfério Sul, além de questionar cada vez mais fortemente a vinculação de sua obra com a língua inglesa. Todos os livros da trilogia de Jesus foram lançados primeiro em tradução que em inglês: os dois primeiros saíram numa tradução holandesa, enquanto o último em espanhol, na mesma editora que publicou *Siete cuentos Morales*; no ano passado, seu último romance, *El polaco*, também saiu pela editora argentina enquanto o lançamento em inglês ainda não aconteceu, embora tenha data prevista para 2023, na Austrália, onde reside o autor.

De acordo com Nancy (2016), a identidade só é construída na partilha de singularidades: eu só sou “eu” quando estou em relação a outro; se estiver em relação a um outro diferente, então serei um “eu” diferente. Para o filósofo,

O semelhante se “assemelha” a mim no que eu mesmo a ele me “assemelho”: nos “assemelhamos” juntos, por assim dizer, ou seja, não se dá original nem origem da identidade, mas o que tem lugar de “origem” é a partilha das singularidades. Isso significa que essa “origem” – a origem da comunidade ou a comunidade originária – não é outra coisa senão o limite: a origem é o traçado das bordas sobre as quais ou ao longo das quais se expõem os seres singulares. Nós somos semelhantes porque somos, cada um, expostos ao fora que *nós* somos *para nós mesmos*. O semelhante

não é o parecido. Eu não *me* encontro, nem *me* reconheço no outro: eu vivo essa experiência ou experencio no outro a alteridade e a alteração que “em mim mesmo” coloca para fora de mim a minha singularidade e que a finda infinitamente. A comunidade é o regime ontológico singular no qual o outro e o mesmo são semelhantes: ou seja, a partilha da identidade. (NANCY, 2016, p. 66)

Portanto, depreende-se disso que, ao estabelecer uma relação mais direta com as editoras do hemisfério Sul, como as da Argentina e da Austrália, assim como editoras de línguas menos prestigiosas como o holandês, Coetzee intencionalmente constrói uma nova identidade autoral para si, rejeitando a hegemonia do norte anglófono e aproximando-se das periferias do mundo, o que também é refletido em sua produção literária.

A partir dessa postura de Coetzee, sua obra pode ser incluída como uma literatura sem morada fixa nos termos de Ottmar Ette (2018), professor de línguas românicas e literatura comparada na Universidade de Postdam, Alemanha, que pensa o fenômeno crescente de escritores que questionam as fronteiras de suas identidades nacionais desde meados do século XX até então, principalmente devido às mudanças geoculturais e biopolíticas características da 4ª fase da globalização. Para o pesquisador, estas não pertencem ao campo de estudo das literaturas nacionais nem das literaturas mundiais, mas necessitam de uma terminologia que pense seus atravessamentos, uma vez que configuram “um entremundos altamente complexo e estruturado por meio de várias demarcações e falhas” (ETTE, 2018, p. 16). Dessa maneira, Ette (2018) sugere uma epistemologia do movimento, ou seja, em vez de delimitar novos espaços literários que deem conta de analisar tais obras, ele sugere analisá-las a partir de seus diferentes atravessamentos. Para ele,

[...] as literaturas do mundo devem ser pensadas em sua multidimensionalidade vetorial como um espaço fractal descontínuo, quase pós-euclidiano. No contexto de uma *geometria fractal das literaturas do mundo*, a ser esboçada, será importante ter em vista, a partir da perspectiva transregional, transnacional e transareal, menos os limites e demarcações do que os caminhos e formas de comunicação, menos a dimensão territorial do que a *trajetorial* e vetorial. (ETTE, 2018, p. 33)

Dessa maneira, a classificação da literatura produzida por Coetzee nos últimos anos se torna escorregadia. Embora tenha nascido na África do Sul, sua produção mais recente não é sul-africana, tampouco australiana, onde ele reside atualmente. Ainda, aquilo que escreve poderia se encaixar nas literaturas de língua inglesa, uma vez que o próprio autor afirmou não ver sentido nisso e, além disso, decide lançar seus livros primeiro em tradução para outras línguas que em inglês? Acredito que não. Para ler sua obra mais recente, portanto, é preciso prestar atenção aos seus trajetos e movimentos, não às suas fronteiras.

Nessa perspectiva, os romances que compõem a trilogia de Jesus, ao explorarem um universo ficcional em que os personagens constroem uma nova vida e novas relações em um novo lugar sem lembrança alguma de suas antigas vidas e relações, evidenciam a postura de Coetzee de se desfiliar do Norte global. Nos cabe agora aguardar as próximas publicações do autor para analisarmos como essa desfiliação se reflete em sua obra.

REFERÊNCIAS

COETZEE, John M. **In conversation: J.M. Coetzee with Soledad Costantini**. Entrevista concedida a Soledad Costantini. YouTube, 29 mai 2018, Azkuna Zentroa, Bilbao. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4VNk52t-YPM&list=WL&index=6>. Acesso em: 15 ago 2023.

_____. **A infância de Jesus**. Trad. José Rubens Siqueira. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. **A vida escolar de Jesus**. Trad. José Rubens Siqueira. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

_____. **A morte de Jesus**. Trad. José Rubens Siqueira. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

DOMÍNGUEZ, César. J.M. Coetzee as Latin American Writer: Simultaneous Translation — Foreignness — World Literature. *In*: Tihanov, G. (eds) *Universal Localities*. Schriften zur Weltliteratur/Studies on World Literature, vol 13. J.B. Metzler, Berlin, Heidelberg, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-3-662-62332-9_6. Acesso em: 15 ago 2023.

ETTE, Ottmar. **EscreverEntreMundos**: Literaturas sem morada fixa (SaberSobreViver II). Trad. Rosani Umbach, Dionei Mathias, Teruco Arimoto Spengler. Curitiba: Ed. UFPR, 2018.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. Organização Sírio Possenti, Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MEIZOZ, Jérôme. Ce que l'on fait dire au silence: posture, ethos, image d'auteur. **Argumentation et Analyse du Discours**, n. 3, 2009. Disponível em: <http://journals.openedition.org/aad/667>. Acesso em: 15 ago 2023.

NANCY, Jean-Luc. **A comunidade inoperada**. Trad. Soraya Guimarães Hoepfner. 1. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016.

SAMUELSON, Meg. An 'international author, but in a different sense': J.M. Coetzee and 'Literatures of the South'. **Thesis Eleven**. vol. 162 (I), 2021. p. 137-158. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0725513621991003>. Acesso em: 15 ago 2023.

SCHUBACK, Marcia Sá Cavalcante. Prefácio. *In*: NANCY, Jean-Luc. **A comunidade inoperada**. Trad. Soraya Guimarães Hoepfner. 1. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016.